

Revista Espinhaço entrevista: Roberto Nascimento (Fundação João Pinheiro)

Apresentação A Revista Espinhaço apresenta uma entrevista exclusiva com o presidente da Fundação João Pinheiro, Roberto Nascimento. A entrevista foi realizada em dezembro de 2017, e conduzida por Douglas Sathler (UFVJM) nas dependências da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, Minas Gerais. Roberto Nascimento fala sobre os desafios à frente da Fundação João Pinheiro, da sua história acadêmica e de suas experiências administrativas.

Revista Espinhaço: Fale um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e administrativa. O que te motivou no início da sua carreira? Quais foram as suas influências?

Vamos começar do início. Para falar sobre a trajetória da minha vida acadêmica, tenho que falar do período em que comecei a estudar. Depois que eu terminei o primário, o meu avô me conseguiu uma bolsa de estudos no ginásio em um colégio particular em Teófilo Otoni. Para que essa bolsa fosse renovada, eu não poderia ser reprovado. Por isso, eu sempre fui um bom aluno. Mas isso, além de me obrigar a ser um bom aluno, isso também, desde o início, me trouxe muita consciência de que, em algum momento, eu teria que ter a oportunidade de devolver um pouco, retribuindo para a sociedade o benefício que eu estava recebendo. Eu acho que isso sempre ficou na minha cabeça.

Quando eu terminei o curso de graduação em economia, este desejo e retribuir a sociedade me motivou a continuar estudando. Nesta época, o mercado de trabalho estava muito ruim. Fui fazer um mestrado em demografia e, quando terminei, eu não fui diretamente para a academia. Fui trabalhar na Fundação SEADE, como pesquisador. Eu já era um pouco apaixonado por essa vida acadêmica, por esta vida na universidade. Eu fiquei lá na Fundação SEADE alguns anos, acho que 3 ou 4 anos. Após isso, me candidatei para um doutorado na Austrália. Fui para lá e, quando eu voltei, eu já tinha o firme propósito de ir para a academia. Depois disso, fiz um concurso para o Cedeplar. Não fui aproveitado neste concurso. Mais adiante, consegui um cargo de professor visitante na UFMG, experiência que durou um pouco mais de um ano. Então, surgiu uma vaga para professor titular. Eu entrei na UFMG já como professor titular embora eu não tivesse títulos, que me credenciassem, mas isso é uma outra história (Risos, está vendo... são algumas curiosidades).

Desde então, a minha trajetória esteve muito ligada à sala de aula. Eu também investi muito na minha performance como orientador. Buscava não apenas orientar aqueles alunos mais brilhantes. Como o Cedeplar recebeu muitos estudantes vindos de outras regiões do Brasil, como o Nordeste, e de países africanos de língua portuguesa, eu tive a oportunidade de orientar vários desses alunos. Era uma orientação diferenciada, em que você é orientador e também professor o tempo inteiro. Me preocupei muito mais em orientar pessoas, que buscavam explorar diversos assuntos (migração, fecundidade e mortalidade), do que, necessariamente, em estabelecer uma linha de pesquisa muito direcionada.

Como professor, eu sempre procurei adotar um estilo de aula, sobretudo na pós graduação, que fugia do estilo Dó Ré Mi. A aula Dó Ré Mi é aquela em que você vai para quadro e acha que está ensinando os meninos uma serie de conceitos. Então eu sempre quis adotar uma aula participativa, pois o meu objetivo era formar coordenadores, lideranças, pessoas dotadas de desenvoltura. A minha trajetória na academia foi muito marcada por esta postura de procurar ser um bom orientador, pensando no crescimento do aluno, pensando em formar gente para ser muito melhor do que eu. Eu sempre tive a preocupação de formar pessoas para brilhar.

Também sempre me preocupei em trabalhar em projetos que, não necessariamente, me dariam uma complementação salarial. Eu tive muito pouco disso nas minhas décadas de universidade. Busquei desenvolver projetos sociais e, por isso, me engajei nos projetos da UFMG ligados ao Vale do Jequitinhonha e ao Vale do Mucuri também. Estes projetos não me davam nenhuma complementação salarial. Muitas vezes eu pegava um ônibus em Belo Horizonte e chegava no outro dia de manhã lá em Januária. Tomava um banho e ia ministrar cursos e realizar outras atividades. Eu sempre achei que, fazendo isso, eu estava retribuindo a bolsa que eu tinha recebido, que meu avô tinha conseguido para mim, e que me permitiu fazer essa trajetória.

Nos últimos anos, acidentalmente, fui enveredando para a parte administrativa. Fui convidado para entrar na Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) da UFMG. A CPPD é um órgão importante, que traça a política de captação de recursos humanos de professores para a universidade. Então eu tive essa oportunidade de trabalhar na parte administrativa, mas que tinha muito de academia também, porque a CPPD cuidava muito da trajetória dos professores, analisando seus planos de trabalhos. Eu fiquei algum tempo na CPPD como membro e, depois, fui vice-presidente da CPPD. Mais adiante, tive a loucura de aceitar o cargo de presidente da CPPD, ficando por quatro anos.

Devido essa experiência, fui convidado para ser pró-reitor Recursos Humanos. No segundo mês de trabalho, me dei conta de que eu não teria condições mais de lecionar. Eu fiquei um pouco frustrado, pois eu não havia me preparado para isso. Não pude me despedir. Foi tudo muito de repente. Passei a orientar pouco. Até hoje eu oriento e, eventualmente, leciono. Fui deixando a academia para a parte administrativa. Quando a gente entra na parte administrativa da universidade, não somos formados para isso. Foi tudo no calor do entusiasmo. Fui aceitando os desafios...

Revista Espinhaço: Nessa experiência administrativa, o Sr. ocupou recentemente um cargo muito importante no Governo Federal. O sr. esteve ao lado do Ministro de Ciência e Tecnologia, tendo acesso à sua agenda e com capacidade de influenciar decisões. Conte um pouco dessa sua experiência. Quais foram os seus principais desafios na época e quais foram os projetos mais relevantes desenvolvidos no ministério?

Eu não considero que tenha sido a minha experiência administrativa mais importante. Até porque esta experiência foi muito curta. Foram nove meses. De início, trabalhei como assessor do ministro. Depois tive a oportunidade de ser chefe de gabinete. Pegamos um período muito importante. O ministério estava preocupado em lançar um programa de plataformas que buscava dar um salto, no sentido de propiciar a junção entre o desenvolvimento da ciência e tecnologia na universidade e a sua aplicação prática. Ou seja, juntar o conhecimento acadêmico dos grupos de pesquisa e levá-lo para a produção. Desenhar um programa nacional de várias plataformas na área de geração de energia, na área de transporte, abrangendo várias áreas e várias plataformas, buscando deixar um lastro com o setor privado, de tal maneira que aquilo pudesse ser, depois, ser utilizado pela sociedade em larga escala.

Desenhamos o programa e aprovamos um decreto presidencial. O seguimento disso ficaria para o próximo governo. Mas aí houve eleição e o ministro não quis ser reconduzido. Este programa foi muito importante, porque conseguiu, de certa forma, envolver as várias diretorias em torno de um programa nacional, pensando no que era necessário para o país. Devido ao pouco tempo que permanecemos no ministério, não tivemos a oportunidade de acompanhar a implantação do programa. Mas só a gestão disso já valeu a pena, o desenho valeu a pena.

Revista Espinhaço: Fale um pouco sobre o atual panorama da ciência e tecnologia no Brasil. Qual é o seu olhar sobre isso?

A ciência e tecnologia nunca foi levada com a seriedade que devia por parte do governo. O Ministro de Ciência e Tecnologia não pode ser um político. Tem que ser um Ministro da Ciência e Tecnologia, com uma equipe técnica qualificada, tendo a perspectiva de influenciar positivamente nas transformações do país. Devem buscar decisões que resultem em melhorias da qualidade de vida da população. A ciência e tecnologia deve buscar, antes de tudo, alternativas que visem o desenvolvimento social e econômico do país e, portanto, da população.

Revista Espinhaço: Hoje o senhor, é presidente da fundação João Pinheiro. Quais os seus atuais desafios? O que o Sr. enxergou de oportunidade a frente dessa prestigiada instituição?

Este foi um outro desafio. Entrei na Fundação João Pinheiro em 2015. Nesta época, eu não sabia projetar como seria o cenário em 2017 para 2018. Eu não tinha muito a dimensão de quão difícil ia ser levar adiante um projeto de uma instituição do peso da Fundação João Pinheiro num contexto de fortes restrições financeiras. Logo que entrei,

comecei a me inteirar das pesquisas que a fundação realiza, da importância dela para o desenho das políticas e para avaliação do estado de Minas Gerais. Pensei muito qual seria o laço, qual seria a liga, o que que essa fundação pode jogar para fora, ou seja, como vai ser a extensão dela para a população. Então, encontrei um nicho muito importante, de levar o *expertise* da fundação para a administração municipal. A fundação tem uma escola de governo que forma especialistas em políticas públicas e gestão governamental, que na verdade deveria ser chamada “escola de estado”, já que ela não é para um governo específico, mas para o governo do estado de Minas Gerais.

Na semana passada eu estava em uma formatura da 33ª Turma da Escola de Governo da FJP. Na minha palavra de saudação para os alunos, eu focalizei em um ponto que eu acho que é extremamente caro: 99,9%, quase 100% desses 600 especialistas que foram formados estão em Belo Horizonte, e aqui não estão 99,9% da população, não estão os principais problemas de gestão e de política. É nisto que eu estou investindo. Acho que o Estado tem que ter presença no interior, tem que ter presença no município. Diante disso, criamos aqui um programa de extensão rural, para levar esses meninos para ter interação com as administrações municipais desde o início do curso. Penso muito no início da minha formação ao ver que os estudantes da Escola de Governo possuem uma bolsa. Eu falei assim: vocês já entram devendo para a população. É importante que vocês comecem a pagar enquanto estão aqui. Então começar a pagar, significar formar os recursos humanos nas prefeituras que não tem *expertise* em administração e gestão de projetos.

A gente tem investido muito em aproximar a fundação João Pinheiro das políticas e das ações governamentais. Neste sentido, eu dei muita sorte por termos um governo que quer contar com a *expertise* da Fundação João Pinheiro para desenhar soluções para os seus problemas, para avalia-los e para implantá-los. Mas sempre com a seguinte preocupação: se a gente não resolver o problema da administração municipal, muito provavelmente a gente não resolve o problema da administração estadual e, certamente, não resolvemos os problemas da administração federal. Eu tenho procurado enfatizar muito essa aproximação da Fundação João Pinheiro não apenas com o nível estadual, mas nos níveis municipais, percebendo ações que possam ser localizadas, que possam ser georeferenciadas, que possam ser diferentes de região para região, para que possamos reduzir a desigualdade.

Profissionalmente, o que você acha que você ainda não realizou na carreira e que você gostaria muito de fazer? O que que você pensa daqui para frente? Sabemos que esta é uma pergunta injusta, pois já fez coisas muito bacanas. Apenas estamos interessados em conhecer mais sobre suas perspectivas.

Se você me pergunta, assim, de supetão, acho que o que eu ainda não realizei é algo que é impossível de ser realizado. Se eu tivesse que começar agora, eu tenho a impressão que, com algumas poucas diferenças, eu repetiria a trajetória. O meu trabalho vai sempre estar inacabado. Tenho tido sorte de estar sempre trabalhando em projetos dos quais eu acredito. Esse é um projeto que eu acredito, transformar a Fundação João Pinheiro realmente em uma instituição de suporte, de assessoria para as ações governamentais, sempre nessa

perspectiva de colocá-la a serviço do desenvolvimento da população.

Revista Espinhaço: O senhor tem uma história legal com o Vale do Jequitinhonha e Mucuri, regiões que tem uma presença forte da nossa universidade (UFVJM). Por favor, conte um pouco para os leitores da Revista do Espinhaço sobre essa relação.

Eu fui trabalhar nesses projetos do Vale do Jequitinhonha muito com essa perspectiva, de que, porque a UFMG tem um programa de atuação no Vale do Jequitinhonha no campo da formação. A universidade deve ter consciência de que ela não consegue resolver os problemas sociais e econômicos dessas regiões, até porque não é essa a tarefa dela. Mas a universidade tem que exercer um papel muito importante na formação de recursos humanos para essas regiões. Eu acho que, tanto no Vale do Jequitinhonha quanto no Vale do Mucuri, como para algumas outras regiões de condições socioeconômicas piores do estado de Minas Gerais, se eu tivesse que eleger qual que é o problema principal, elegeria que você tem uma deficiência muito grande em formação de recursos humanos. Existe um problema sério na formação do ensino fundamental, do ensino médio, da universidade e dos programas de mestrados.

Atualmente, atuo em um programa de mestrado na UFMG, no Campus de Montes Claros, que tem uma trajetória belíssima. Os alunos são da região, são alunos de comunidades quilombolas. A universidade pode dar uma contribuição muito grande do ponto de vista da formação, oferecendo condições para que vários projetos sejam desenvolvidos, e que, ao serem desenvolvidos, permitam a inserção da população local nas atividades produtivas. Se houvesse esse casamento entre o que a universidade pode fazer e o que o setor privado pode fazer, acho que a gente estaria em melhores condições. Esse é um dos papéis relevantes da universidade.

Eu fui para o Vale do Jequitinhonha e Mucuri, porque eu acho que a universidade tem que devolver alguma coisa, mais para a região do Vale do Jequitinhonha e Mucuri do que para a região metropolitana, embora ela tenha que devolver para o Estado inteiro. Se a universidade não devolver de forma diferenciada, não reduziremos a desigualdade no Estado. Este pensamento que me aproximou mais dos projetos ligados a essas duas regiões.

Revista Espinhaço: Agora o Sr. tem um tempo livre para tecer as suas considerações finais e amarrar a sua entrevista, da forma que você achar melhor.

Ah não, vamos deixar desamarrado. Eu acho que as propostas mais interessantes são aquelas que você termina com várias possibilidades de continuidade.

Revista Espinhaço: Muito obrigado.